

RACISMO, PRECONCEITO E TRAJETÓRIA ESCOLAR DE CRIANÇAS NEGRAS E BRANCAS: A REALIDADE DE SERGIPE

Luana Costa Chagas¹
Universidade Federal de Sergipe
luanacosta_15@hotmail.com

Dalila Xavier de França²
Universidade Federal de Sergipe
dalilafranca@uol.com.br

RESUMO

As desigualdades sociais e raciais presentes no Brasil são refletidas também na esfera educacional. O presente estudo tem o objetivo de verificar os efeitos perniciosos provocados pelo preconceito racial no processo educativo. Para atingir este objetivo, analisamos os históricos escolares de 40 alunos que estão cursando a 5ª série, sendo crianças brancas, pardas e negras, através de alguns indicadores - como aprovação, reprovação, repetência, evasão e defasagem idade-série. Os resultados nos indicam que pardos e negros se encontram em situação de desvantagem, pois a trajetória escolar deles é mais longa e acidentada que a dos brancos. Concluímos que os impactos da cor/raça, no contexto escolar, incidem sobre o desempenho acadêmico do alunado negro.

Palavras-chaves: racismo; preconceito; trajetória escolar

ABSTRACT

The social and racial inequalities presents in Brazil also are reflected in the educational sphere. The present study has the goal of verifying the pernicious effect provoked by the racial prejudice in the educational process. To reach this goal, we analyze the school historical of 40 students who are attending the 5th series, being white, drab and black children, through some indicators - like approval, reproof, repetition, evasion and phase displacement age-series. The results indicate us how drab and black are in disadvantage situation, because the trajectory of them is longer and rough who the one of whites. We conclude that the color impacts / race, in the school context, happen about the academic performance of student black.

Key words: racism; prejudice; school trajectory

¹ Graduanda de Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe e Bolsista Voluntária PIBIC/CNPq.

² Doutora em Psicologia Social, Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe e Coordenadora do Grupo “Socialização das atitudes intergrupais em crianças” pelo PIBIC/CNPq.

1 INTRODUÇÃO

Mesmo com o crescente ritmo de industrialização e urbanização das últimas décadas, os efeitos da raça ou cor como critérios de seleção social não foram eliminados e, por conseguinte, a geração de desigualdades social e racial também não. Essas desvantagens arroladas a cor da pele, não diferentemente, são refletidas na esfera educacional, o que caracteriza uma desigual apropriação das oportunidades em se tratando de educação formal, por parte de brancos e não brancos, no Brasil (HASENBALG, SILVA, 1990).

Nesse contexto político e histórico, o estudo do racismo no âmbito da educação oferece a possibilidade de colocar em um mesmo cenário a problematização dessas duas temáticas de grande importância: racismo e educação. O presente estudo aborda o fenômeno do racismo e preconceito na escola, considerando seu efeito pernicioso sobre a trajetória escolar das crianças negras. Assim investigaremos os efeitos exercidos pelo preconceito racial no processo educativo através da análise dos históricos escolares de alunos brancos, pardos e negros, de modo que o desempenho dos mesmos possa ser verificado por meio de aprovações, reprovações, repetências, evasão e defasagem na relação idade-série.

1.1 Preconceito e Racismo e a realidade escolar

O preconceito racial, ou racismo é um subproduto do preconceito de modo geral e está associado a uma característica do conceito de raça no que tange a aquisição de componentes avaliativos que indicam um status social diferenciado entre os grupos (Allport, 1954). De modo que qualificar um grupo negativamente ou agir no sentido de inferiorizá-lo são formas de racismo. Para Allport (1954), o preconceito seria uma antipatia baseada numa generalização falha e inflexível que pode ser sentida ou expressa, além de dirigida a um grupo em sua totalidade, ou a um indivíduo por fazer parte do referido grupo.

Em relação ao aspecto atitudinal, quando as pessoas agem com preconceito, desenvolvem crenças simplificadas sobre as minorias - essas crenças simplificadas são o que chamamos de estereótipos e é nesse sentido que elas podem produzir preconceitos (SILVA, 2001). A discriminação, por sua vez, é o aspecto comportamental do preconceito e, no que diz respeito ao preconceito racial, abrange relações de exploração, comportamento competitivo, agressão e comportamento de evitação (FAZZI, 2004).

Estudos mostram que, na escola, comportamentos discriminatórios em relação a criança negra estão presentes através de apelidos pejorativos, o silêncio sobre o racismo, a imagem deturpada dos negros nos livros didáticos, e ausência de elogios e demonstrações de afeto por parte dos professores, o que pode atrapalhar o rendimento de alunos negros (REZENDE, 2008)

Essa rejeição à diversidade étnica evidenciada na sala de aula se apresenta no cotidiano escolar por meio de cartazes ou textos didáticos, representações de professores e colegas, ausência dos negros em datas comemorativas – ilustradas geralmente por uma família branca - métodos e currículos aplicados que parecem reproduzir o padrão dominante, consolidando uma suposta inferioridade de determinados grupos; além da ausência de conteúdos que problematizam a questão do negro nos programas escolares, que não deveriam se resumir à escravidão (MENEZES, 2002; SILVA, 2002).

Além disso, pesquisas mostram que currículos, programas, materiais e rituais pedagógicos privilegiam os valores europeus em detrimento dos de outros grupos étnicos que compõem a sociedade de modo que, para não entrar em conflito com o grupo dominante, os valores destes são ocultados ou apresentados de forma passiva (SILVA, 2001). O que acarreta ao longo do fluxo escolar, a exposição do alunado negro a uma série de desvantagens, muitas vezes disfarçadas, devido a sua adscrição racial. Por exemplo, Hasenbalg e Silva (1990) verificaram, tendo o rendimento familiar per capita como variável controle, que os negros possuem uma taxa de escolarização inferior a dos brancos; além disso, os últimos apresentam uma percentagem maior de crianças sem atraso escolar; e uma maior proporção de alunos negros frequenta escolas que oferecem cursos com menor número de horas de aula.

Dessa forma, a diferença na velocidade de sucesso do aluno branco e não-branco dentro da escola tende a indicar a atuação de mecanismos discriminatórios intraescolares e do sistema de ensino como um todo (idem, 1990). Além disso, o aluno negro possui uma tendência de viver uma trajetória escolar mais curta e acidentada que o branco visto que, geralmente, apresenta interrupções temporárias ou definitivas, para trabalhar (ROSEMBERG, 1987).

Assim, pode-se afirmar juntamente com Menezes (2002), que a falta de importância dada a questões que envolvem o negro na escola pode enfatizar a exclusão social dos mesmos em outros espaços sociais, constituindo-se um meio de manutenção das desigualdades sociais. A desconstrução dessa forma de controle pode ser de difícil acesso pela importância cultural que a escola adquiriu de detentora do saber, o que facilita a interiorização e consolidação dos valores que perpetuam a heterogeneidade social (idem, 2002).

Diante disso, ao contemplar as relações raciais dentro do espaço escolar, questiona-se até que ponto a escola está sendo coerente com a sua função social quando se propõe a ser um espaço que preserva a diversidade cultural, que possibilita a promoção da igualdade, e estimula o desenvolvimento pleno da pessoa (idem, 2002). Nesse sentido, a discussão sobre o assunto se produz no contra-senso que a realidade apresenta, já que o ambiente escolar contribui para uma visão estereotipada do negro – o que possivelmente explica o fracasso escolar deles (SILVA, 2001).

Segundo Silva (2001), a maioria dos estudos realizados no Brasil acerca das variáveis determinantes do fracasso escolar dos negros não identifica os estereótipos como um dos responsáveis por este fracasso. Rezende (2008) voltou-se para a diferença intra-racial entre os gêneros, já que o desempenho escolar das meninas negras é superior ao de meninos negros – mas não em comparação a outros grupos, pois meninas negras possuem um desempenho escolar inferior ao de meninas e meninos brancos. Pode-se explicar isso a partir dos preconceitos de gênero e raça que podem influenciar os professores no momento da avaliação dos alunos, reproduzindo desigualdades no interior do grupo (REZENDE, 2008).

Tendo em vista isso, um fator que pode influir no desempenho escolar dos alunos não-brancos é o fenômeno da profecia auto-realizadora, estudado inicialmente por Rosenthal e Lenore, em 1964 (OLIVEIRA, 2007). Há um conjunto de informações imputadas pelo meio social como a valorização dos ‘mais limpinhos’, ‘mais bem-vestidos’, ‘mais branquinhos’ que irão direcionar o trabalho individual do professor com seus alunos (idem, 2007). Ou seja, originada nos preconceitos sociais veiculados pelo professor, a profecia auto-realizadora é anterior ao contato com os alunos – sendo que os considerados ‘capazes’ recebem mais atenção e oportunidades de participação em sala de aula; em contrapartida, os outros são vistos como incapazes e, então, desestimulados, mostram-se indiferentes ao processo educativo – podendo até querer sobressair pela sua indisciplina ou falta de interesse (idem, 2007).

Se o professor não tiver a sensibilidade para perceber o processo pelo qual cada criança passa de modo muito pessoal, pode acabar padronizando e alienando-as; e as diferenças individuais, que deveriam ser a essência da relação professor-aluno, vão dando lugar a supostos ‘desvios’, ‘patologias’ – que são amparados no preconceito racial e cultural. Nesse sentido, a intervenção por parte do educador é de grande importância.

De acordo com a Teoria da Rotulação de Schur, “desvio e controle social sempre envolvem processos de definição social”. Essa teoria pode ser aplicada no estudo dos processos de rotulação presentes nas relações que se dão no interior da escola, a partir das

expectativas geradas por professores a respeito dos alunos (FAZZI, 2004). Afinal, educar é uma atividade complexa que envolve não só o conteúdo formal, mas também as crenças do educador e é por isso que o enfrentamento do preconceito dentro das escolas torna-se um grande desafio.

Em seus estudos educacionais, Rist (1977 *apud* FAZZI, 2004) sugeriu arrolar a Teoria da Rotulação à ‘Profecia auto realizadora’ para explicar o sucesso ou fracasso de alunos na escola. Pois, ele afirma que ao serem rotulados, os alunos se ‘reconfiguram’ e, depois, reforçam o comportamento que desencadeou a reação social – e isso interfere no seu desempenho escolar (*idem*, 2004). Ou seja, a atualização do preconceito dos professores se dá através da internalização dos estereótipos negativos por parte dos alunos na relação pedagógica – o que acaba funcionando como uma profecia auto realizadora (HASENBALG, SILVA, 1990).

1.2 Exclusão na escola que inclui

A exclusão da escola não é o mais importante a ser levado em conta, ou seja, políticas e medidas que visam a universalização do acesso a escola não são suficientes, isso reduz a efetivação do direito à educação. Assim, se faz necessário promover a inclusão dos que são excluídos da escola, mas a inclusão numa escola excludente não é tão relevante (MARCHESI, 2004).

Antes, é preciso haver uma reforma na lógica que rege o funcionamento das escolas, pois a exclusão é praticada no seu interior, através dos mecanismos que a escola se utiliza de reprovação e repetência. Visto que, atrelado a isso, outro processo que acontece e é significativo diz respeito à internalização da exclusão, relacionada ao modo naturalizado de como os excluídos vivenciam a exclusão (*idem*, 2004).

Pode-se afirmar que a exclusão e a inclusão estão intrinsecamente relacionadas ao longo da escolarização, já que se afetam mutuamente. Sendo assim, são incluídos no sistema escolar os alunos que possuem ‘frequência levemente defasada’, frequência na série esperada e ‘frequência antecipada’ (*idem*, 2004). Dessa forma, é inevitável questionar: quem são os excluídos?

Alguns aspectos se ligam à escolarização, dentre eles é possível ressaltar a questão da raça. Pois, estudos comprovam que os negros sempre se encontram em desvantagem, se comparados aos brancos, em relação à ocupação, emprego, renda, alfabetização e anos de estudo. Afinal, a taxa de analfabetismo é mais elevada para negros; no ensino médio, a taxa de

escolarização de negros não chegava à metade dos brancos e a defasagem idade-série no ensino fundamental é característica para alunos negros (idem, 2004).

Essas discrepâncias entre brancos e negros remetem à discriminação presente tanto no contexto escolar, como no mercado de trabalho. Em relação à escola, a raça e problemas escolares estão diretamente relacionados, por parte das professoras, o que constitui uma clara articulação entre pertencimento à raça negra e dificuldades na escola (CARVALHO, 2005). Pois, em um de seus estudos, Carvalho (2005) verificou que as professoras não tinham seus critérios de avaliação bem definidos – o que é uma realidade compartilhada pelo sistema de ensino brasileiro, como um todo - de forma que a escola adotava um conjunto de conceitos, mas não conseguia lhes atribuir significado; sendo necessário um debate na escola sobre avaliação para esclarecer o assunto.

Então, a compreensão do fenômeno da exclusão escola pode promover uma ampliação no domínio das políticas educativas e da prática pedagógica. Assim sendo, estudos à nível micro, em nível de escola, de turma, enfim, poderão contribuir para isso – trazendo a perspectiva de que a análise do racismo no âmbito da educação é útil na concretização, de fato, da igualdade de oportunidade educacional.

Quando a questão das desigualdades raciais, na sociedade, e no sistema de ensino, sobretudo, for assumida com a importância que merece, haverá a possibilidade de minimizar as elevadas taxas de repetência e exclusão escolar (ROSEMBERG, 1987). Admitir que o racismo existe no Brasil sim, e que alastra-se no aparelho educacional é um passo importante para ser capaz de detectar e denunciar os conteúdos racistas transmitidos pelo sistema formal de ensino e, muitas vezes, passivamente absorvidos pela sociedade.

Deve ser uma preocupação de estudiosos e profissionais atuantes na educação, sobretudo, conhecer a formação da identidade racial do alunado negro na escola, já que isso é pertinente à diversidade étnica que compõe a realidade brasileira. Pois, observa-se que a trajetória escolar se diferencia entre os alunos de acordo com a raça/cor desde o acesso à escola, passando pela permanência e finalização da trajetória escolar. Esse estudo oferece, então, a possibilidade de analisar os efeitos que o preconceito racial provoca no processo educativo a partir das diferenças nas avaliações e conceitos emitidos a alunos negros, pardos e brancos.

Com base da referida literatura pretende-se analisar a trajetória escolar de alunos brancos e não-brancos, através da análise dos históricos escolares destas crianças. Especificamente pretende-se verificar o desempenho escolar de crianças brancas e negras

através dos seguintes indicadores: número de aprovações, repetências, evasão e defasagem na relação idade-série.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa pretende fazer um estudo comparativo entre os históricos escolares de alunos brancos, pardos e negros; de modo que o desempenho dos mesmos possa ser verificado por meio de aprovações, repetências, evasão e defasagem na relação idade-série.

Participantes

Foi feito um levantamento desses dados que compõem os históricos escolares de uma amostra de 40 alunos, 21 do sexo masculino e 19 do sexo feminino, que possuem entre 11 a 17 anos de idade, cursando a 5ª série do ensino fundamental em uma escola pública da rede estadual de Sergipe. Os alunos que compuseram a amostra são de 3 turmas distintas, uma do turno matutino e 2 do vespertino – e foram selecionados a partir de um critério: a não-participação de programas escolares oferecidos pelo governo. A composição étnica da amostra foi 7 brancos, 15 pardos e 18 negros, a partir da classificação por uma escala Likert que variava entre 1 e 5 - na qual os níveis 1 e 2 são para indivíduos considerados brancos, o nível 3 para pardos e os níveis 4 e 5 são para negros. Em relação à composição da amostra, o maior número de não-brancos (37% pardos e 45% negros) corresponde ao que diz a literatura, já que o sistema público de ensino é o mais acessível para a população negra – não podendo desvencilhar raça/cor e classe social.

Procedimentos

Para realização do estudo, a pesquisadora, por meio de um termo de consentimento, pediu autorização à direção da escola para levantar alguns dados dos históricos escolares de alguns alunos que estão cursando a 5ª série na instituição. Em uma ficha de anotação era descrita a trajetória de cada aluno, a partir da 1ª série, associando o ano cronológico, a série indicada e o conceito obtido na mesma, coletando dados no que diz respeito a aprovações, repetências e evasões e defasagem idade-série. Os dados foram analisados no programa SPSS e serão discutidos com base nas teorias de racismo.

3 RESULTADOS

A análise da trajetória escolar de alunos brancos e não-brancos dói realizada através da crítica dos históricos escolares destas crianças. O desempenho escolar de crianças brancas, pardas e negras foi avaliado, primeiramente, por meio de uma análise quantitativa do número de aprovações, repetências, evasão e defasagem na relação idade-série – e, posteriormente, os resultados foram analisados qualitativamente.

Para verificar a relação da idade dos alunos da amostra – que atualmente cursam a 5ª série – e etnia, foi feita uma análise de freqüência. De acordo com os dados obtidos, 100% dos alunos brancos que compuseram a amostra se encontra dentro da faixa etária mais aproximada que corresponde a 5ª série (11 a 12 anos), enquanto que em relação à amostra de alunos pardos, a porcentagem cai para 67%. Ao mesmo tempo, apenas 50% dos alunos negros estão dentro dessa faixa etária quando cursam a 5ª série, de modo que isso evidencia a defasagem idade-série em se tratando desse recorte racial (ver tabela I).

Tabela I – Representação da amostra em relação à idade

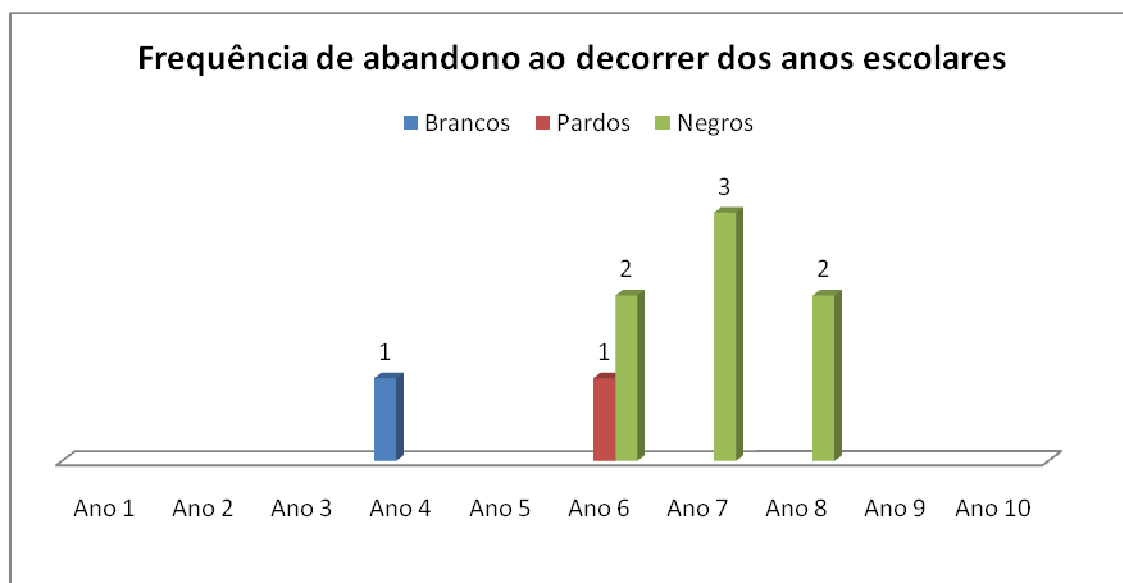
Idades	Etnia					
	Brancos		Pardos		Negros	
11 - 12 anos	7	100%	10	67%	9	50%
13 - 15 anos	0	0%	4	27%	5	28%
16 - 17 anos	0	0%	1	6%	4	22%
TOTAL:	7	100%	15	100%	18	100%

Dentre os alunos que possuem 16 a 17 anos na 5ª série, 4 são negros e 1 é pardo, sendo que não há nenhum representante branco da amostra (ver tabela I). Ou seja, os brancos possuem uma porcentagem maior de alunos sem atraso escolar, concluindo o processo de escolarização mais cedo que a parcela não-branca (pardos e negros). Essa distorção idade-série entre os alunos negros demonstra que a trajetória escolar se diferencia de acordo com o grupo racial, visto que, o fato de os negros cursarem a 5ª série apresentando idades mais avançadas que os alunos brancos pode sugerir que os primeiros possuem certa dificuldade no

acesso à escola e ingresso tardio nestas, além de outros fatores que tornam o percurso escolar do alunado negro mais lento que o de brancos.

Ao decorrer da trajetória escolar da amostra, foram detectados 9 abandonos (ver gráfico I), sendo que 1 pertence à amostra branca, 1 diz respeito à amostra de pardos e 7 estão relacionados à amostra negra. Isso demonstra que os alunos negros tendem ou a evadir da escola, ou a interromper suas atividades escolares temporariamente para trabalhar – pois, muitas vezes, já fazem parte da população economicamente ativa, por possuem idade mais avançada (ver gráfico I).

Gráfico I – Frequência de abandonos ao longo do processo de escolarização



Sendo assim, os alunos negros possuem uma maior dificuldade em permanecer na escola, obtendo taxas de escolarização, geralmente, inferior a de brancos. Essa trajetória, por vezes, mais curta e acidentada do que a dos demais grupos é marcada por mecanismos discriminatórios que atuam desde o acesso à escola e se estendem à permanência e finalização (HASENBALG, 1990).

De acordo com o quadro abaixo, as taxas de aprovação entre brancos se mantêm sem significativas variações, enquanto que tendem a diminuir entre pardos e negros. Ao mesmo tempo, partir do 2º ano de escolarização, alunos pardos e negros já apresentam taxas de reprovação e no 3º ano em diante aparecem as primeiras taxas de repetência – diferentemente do que acontece com os brancos. Essa diferença na velocidade de sucesso de alunos brancos e

não-brancos pode revelar preceitos de discriminação no interior da escola, já que os negros recebem conceitos de avaliação menores do que os outros grupos.

Estão cursando a 5ª série em apenas 5 anos de escolarização 6 (86%) dos alunos brancos, 8 (53%) dos pardos e 9 (50%) dos negros. Sendo assim, somente o grupo de alunos negros possui 2 (11%) representantes que atualmente cursam a 5ª série em um processo escolar de 10 anos (ver Quadro I). Esse prolongamento no processo é, em parte, sustentado pela Ideologia da Repetência, que defende a idéia de que repetir a série fará com que o aluno aprenda, quando, na verdade, sucessivas experiências de fracasso escolar aumentam a probabilidade de novas experiências – o que provoca a destruição do autoconceito e da autoestima do aluno. (MARCHESE, 2004)

Mesmo quando se comparam pardos e negros, há diferenças entre os conceitos recebidos pelos alunos ao decorrer da trajetória escolar. Uma análise de contingência entre a série - considerando o 7º ano de escolaridade - e a cor da pele dos participantes, revelou que há uma diferença significativa entre as situações escolares de pardos e de negros (ver Quadro I). Nesse sentido, estudos comprovam que os negros ainda apresentam certa desvantagem em relação a pardos, o que vai de acordo com a Ideologia do Branqueamento – afinal, o pardo, por ainda estar mais próximo do padrão branco, é menos inferiorizado (Idem, 2004).

Quadro I – Frequência de alunos de acordo com o grupo étnico e com os conceitos recebidos ao longo dos anos de escolarização

Percurso Escolar												
Ano	Aprovados			Reprovados			Repetentes			Cursando 5ª série		
	Branco	Pardo	Negro	Branco	Pardo	Negro	Branco	Pardo	Negro	Branco	Pardo	Negro
1	7	15	18	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	7	12	13	0	3	5	0	0	0	0	0	0
3	7	8	12	0	4	1	0	3	5	0	0	0
4	6	10	12	0	1	3	0	4	3	0	0	0
5	1	5	4	0	0	2	0	2	3	6	8	9
6	0	1	0	0	2	3	0	0	2	1	3	2
7	0	0	0	0	2	0	0	2	2	0	0	2
8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	3
9	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2

Embora os alunos negros possuam um maior índice de afastamentos e retornos para a escola, eles se esforçam em permanecer na mesma – apesar de tenderem a ser excluídos mais cedo pelo sistema educacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, procurou-se compreender os impactos da raça/cor no percurso escolar de crianças negras, pardas e brancas. Assim, foi possível entender como o estereótipo racial, impregnado no imaginário social do contexto da escola, incide sobre o desempenho acadêmico do alunado negro.

Não foi possível obter dados sobre interrupções definitivas de alunos negros, evasão, mas o número de abandonos revela que a trajetória escolar desse grupo étnico é mais lenta e acidentada. Além disso, apesar do processo de escolarização de crianças negras ter aparecido na forma que é descrito na literatura, alguns resultados podem não ter sido mais significativos devido ao número reduzido da amostra.

Os resultados nos mostraram que a etnia tem relação direta com o conceito escolar, de modo que o desempenho acadêmico passa a ser referencial para a construção da identidade racial, além das características fenotípicas e do status socioeconômico. Por conseguinte, em níveis mais elevados que os brancos, o aluno negro frequentemente vivencia experiências de fracasso escolar – isso faz com que ao rótulo ‘negro’ esteja impregnado também o de ‘pobre’ e ‘mau aluno’?

O percurso escolar tortuoso, pelo qual a criança negra passa, gera certo descrédito em relação a si, um sentimento de incapacidade e desvalorização, que influencia o modo como ela se posiciona nas diferentes situações de ensino ao decorrer dos anos. Pois, muitas vezes, o aluno é tratado de forma desigual em consequência de seu desempenho, já que esse é mediado pela sua etnia, e suas dificuldades são encaradas como “patologias”, sustentadas pelo preconceito racial e cultural, pela cultura da repetência, por exemplo. Desse modo, é justamente na escola, espaço de socialização, que se constituem fortes entraves no desenvolvimento do indivíduo?

O prolongamento da conclusão do Ensino Fundamental, em até 10 anos, remete ao fato de que o atraso escolar de alunos negros acarreta em impactos durante toda sua trajetória – tanto escolar como profissional. Isso parece se reproduzir durante um longo período de tempo, pois as desigualdades entre brancos e negros são produtos de um processo sócio-histórico.

A escola, ao invés de ser um ambiente encorajador e possuir um suporte atencioso, se apresenta para as crianças negras como um depósito de incompetências, onde uma por uma são filtradas durante o processo de escolarização. Geralmente, sobrevivem os mais fortes – como na seleção natural – e os números dizem, infelizmente, que esses mais fortes são brancos, em sua grande maioria. Sendo assim, aparentemente, crianças brancas e negras experenciam escolas diferentes (ROSEMBERG, 1987) – afinal, que tipo de inclusão está sendo feita se a escola possui mecanismos que excluem?

Um estudo como este, centrado na análise de registros escolares, pode se somar a diversos outros sobre critérios de classificação vigentes nos vários sistemas de ensino, para que seja possível transpor os discursos superficiais sobre exclusão *da* escola para uma discussão que corresponda à realidade destoante, presente na educação – em se tratando de exclusão *na* escola.

Pois, o baixo desempenho dos negros não pode ser definido, por si só, como fracasso escolar, este último envolve não só um rendimento acadêmico regular, mas também destruição da autoestima e falta de adaptação às normas de convivência (MARCHESE, 2004). Nesse sentido, estudos futuros nessa perspectiva podem encontrar resultados interessantes se expandir a amostra para obter representatividade, além disso, poder-se-ia acrescentar outro elemento, no que diz respeito à fala dos “excluídos”, a experiência contada desses alunos, para ser possível gerar conclusões, de fato, sobre o fenômeno do fracasso escolar.

Assim, poderemos evoluir em relação a alguns questionamentos acerca dessa discussão, em se tratando de fracasso escolar, pois, de qualquer forma, fracassam os alunos ou fracassa a sociedade que perpetua o preconceito? Ou fracassa o estado que frequentemente utiliza paliativos na educação? Ou fracassa a escola que não se volta para a dinâmica das diferenças entre os alunos e se justifica a partir de reprovações e repetências? Quem fracassa realmente?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLPORT, G. W. *The nature of prejudice*. Reading, Massachussets: Addison-Wesley, 2004.

CARNEIRO, M. L. T. *O racismo na história do Brasil: mito e realidade*. 7º Ed. São Paulo, Ática, 1998.

CARVALHO, M. *Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial dos alunos*. Revista Brasileira de Educação, nº 28, 2005.

CAVALLEIRO, E. S. Discursos e práticas racistas na educação infantil: a produção da submissão social e do fracasso escolar. In A cor da Bahia (org.) *Educação, racismo e anti-racismo*. Salvador, Novos Toques, 2000.

FAULKNER, J. *White Children in a Multi-cultural School Setting: a valid cause for concern?*. Educacional Studies, Vol 16, Nº 2, 1990.

FAZZI, R. C. de. *O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito* – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GONÇALVES, V L. *O racismo e o desempenho escolar de crianças negras*. Afro-Brasileiros e Educação, nº21.

HASENBALG, C. A. SILVA, N. V. do. *Raça e oportunidades educacionais no Brasil*. In: Cadernos de Pesquisa, nº 73. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1990.

MARCHESE, A. GIL, C. H. *Fracasso escolar: uma perspectiva multicultural*. Artmed, 2004.

MENEZES, W. *O Preconceito Racial e suas repercussões na instituição Escola*. Trabalhos para discussão nº 147, 2002.

OLIVEIRA, I. V. de. *Preconceito e autoconceito: Identidade e Interação na sala de aula*. Papyrus, 2004.

OLIVEIRA, S. M. A de. *A profecia auto-realizadora*. Psicopedagogia online: saúde e educação, 2007. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/opinioao/opinioao.asp?entrID=562>>. Acesso em 09 Jan. 2010.

REZENDE, A. B. *Questão de gênero e raça: o desempenho escolar de meninos negros*. Revista Anagrama: Revista Interdisciplinar da Graduação, 2ª Ed, 2008.

ROSEMBERG, F. *Relações Raciais e rendimento escolar*. In: Cadernos de pesquisa, nº 63. Fundação Carlos Chagas. São Paulo, 1987.

SILVA, C. da. *Ações afirmativas em educação: experiências brasileiras*. São Paulo, Summus, 2003.

SILVA, A. C. da. *Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático*. EDUFBA, 2001.

SILVA, Hédio Jr. *Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais*. Brasília: UNESCO, 2002.